



-A PROVOCANTE- quadro a óleo do ilustre pintor
José Malhão

Lisboa, 2 de Junho de 1913

380

Editor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRACA
Editor JOSÉ TORRENT CHAVES
Relação, Administração, Offic Com
posição e Impressão—RUA DO SEculo, 43

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL
O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	4\$800
	Semestre.....	2\$400
	Trimestre.....	1\$200

Elle dará a Medicina V. dá o Tempo

Uns poucos de dias será o sufficiente para
provar que V. se póde curar

Uns poucos de minutos do seu tempo por uns poucos de dias e eu mostrar-lhe-hei, sem despesas da sua parte, que tenho medicina que faz desaparecer o veneno do Acido Urico do sistema, e ao fazer isto cura a doença dos rins, doença da bexiga e reumatismo em homens e mulheres. Eu não lhe peço que se satisfaça com a minha palavra mas só lhe peço que me dê licença para lhe enviar alguma d'esta medicina para a poder usar pessoalmente.

Desejo saber sómente que V. sofre d'alguma doença para a qual a minha medicina é destinada, porque não é «um cura tudo», e pôr esta razão dou aqui alguns dos sintomas principaes das doenças dos rins, bexiga e reumatismo. Se V. sente um ou mais d'estes sintomas então necessita d'esta medicina, e eu terei muito gosto em lhe enviar alguma d'ela gratis se V. me escrever enviando os numeros dos sintomas que sente, dando a sua idade, nome e endereço. O meu endereço é Dr. T. Frank Lynott, 2148 Deagan Building, Chicago, E. U. A., e os leitores d'este jornal já são, sem duvida alguma, familiares com a minha fotografia.

Depois de usar esta medicina V. convirá que faz desaparecer o veneno do acido urico. Tonifica os rins de maneira a trabalharem em harmonia com a bexiga. Fortalece a bexiga de maneira que o desejo frequente de urinar e outras desordens urinarias desaparecem. Faz parar as dores reumaticas imediatamente. Dissolve os cristais do acido urico de maneira que as dores das costas e musculos desaparecem e articulações tortas endirei-

tam rapidamente. Reconstrue o sangue de maneira que V. sentir-se-ha mais saudavel, mais forte, dormirá e comerá melhor e a sua energia durará todo o dia. Faz tudo isto e ainda assim não contém nada injurioso e é absolutamente garantida conforme a lei.

Todos que se interessem bastante para me escrever pedindo a medicina gratis tambem receberão o meu grande livro medico illustrado, o qual descreve estas doenças detalhadamente. Mande-me hoje os numeros dos sintomas que o incomodam, e a sua idade e cumprirei as minhas promessas immediatamente. Mostre que deseja curar-se e sel-o-ha.

Estes são os symptoms:

1. Dôr das costas.
2. Desejo frequente de urinar.
3. Ardor ou obstrução ao urinar.
4. Enfermidades secretas.
5. Doença da prostata.
6. Gazes ou dôres de estomago.
7. Debilidade geral, vertigens.
8. Dôr ou sensibilidade debaixo da costella direita.
9. Inchação em qualquer parte do corpo.
10. Constipação ou doença de fígado.
11. Palpitação ou dôr debaixo do coração.
12. Dôr das articulações das ancas.
13. Dôr do pescoço ou cabeça.
14. Dôr ou sensibilidade dos rins.
15. Dôr ou inchação das articulações.
16. Dôr ou inchação dos musculos
17. Dôr ou sensibilidade dos nervos.
18. Rheumatismo agudo ou chronico.
19. Anemia.
20. Debilidade nervosa.

Pegam a este Homem que Lhes leia a Vida

O SEU PODER EXTRAORDINARIO DE
LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A
QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA
TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

Millhares de pessoas, em todas as tendas do
da, tem tirado bom proveito dos conselhos do
le homem. Us-lhes
ques os deslhos qu
as suas capacida
lhes permitem e d
que modo poderão ating
o bom exito dese
jado, indica-lhes o
amigo e os inimigo
e descreve os bons
ou maus periodos d
cada existencia. A d
eclaração que faz do
que diz respeito aos aco
tecimentos passados
presentes e futuro
causar-lhes-ha espanto,
a servir-lhes-ha d
auxilio. E tudo quan
ele precisa para o guio
no seu trabalho lim
ta-se a isto: o nom
da pessoa (escrito pe
propria mão d'ela),
data do nascimto e
declaração do sexo. E
escrevo mantar o
señho. Citem o nom
d'este jornal e obter
a talatura d'uma
gratuita. Se a possu
que isto lêr quie
aprovar este ofere
cimento especial e ob
ter uma revista da su
vida, não tem mais qu
enviar o seu nom
apellido, morada e
data do seu nascimto
to (dia, mez e ano), i
do bem claramente e
crio e evitado), a
quer seja senhor, a
hora ou minima vol
tado, quando tambem
seu leira o seu
seguente:



São milhares as que nos dizem
que daes conselhos sem par:
Para atingir a v Ventura,
Queria-me o caminho en'as'ar!

A pessoa que escrever, se essa for a sua vontade, pode juntar ao seu pedido a quantia de 100 réis em estampilhas portuguesas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras) para despesas «a parte de «crio-rio, Brijia a sua carta a Clay Barton V. Inc., Suite 2008, P., Palays Royal, Paris, França». As cartas para a França devem ser franqueadas com 50 réis moeda portuguesa, (ou 200 réis moeda brasileira).



CARNE LIQUEFA

do Dr. Valdez Garcia
de MONTEVIDEO

" E' O MELHOR—TONICO—RECONSTITUINTE

para curar a anemia, debilidade geral, afeções nervosas para a tísica, creanças raquíticas e convalescentes

Companhia do Papel do Prado

Socied. anonyma de respons. limitada

CAPITAL:

Ações.....	800.000.000
Obrigações.....	300.000.000
Fundus de reserva e amortização.....	500.000.000
Total.....	1.600.000.000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrinho (Thomas), Penedo e Casa d'Hermilo (Lousã), Valle-Maior, Abergaria-e-Velho. Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos: 270, RUA DA PRINCEZA, 275, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANUEL, 31, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telept.: LISBOA, 615—PORTO, 117.

Comprem as Sedas Suissas

Pegam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Etienne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin 120 e largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr, bem como das bluzas e vestidos bordados em Batista, lá, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida diretamente aos particulares e franco de porto no domicilio

Schweizer e C^a, Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedoras da Corça



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

2-6-1913

N.º 380

ALEMANHA, RUSSIA, INGLATERRA.

No banquete da «Sala Branca», por ocasião do casamento da filha de Guilherme II,—banquete que foi uma edição viva do almanaque de Gotha,— tres soberanos europeus, árbitros dos destinos do mundo, o imperador da Alemanha, o imperador da Russia e o rei da Inglaterra ergueram ao *Chamagne* a sua taça, fazendo votos para que o amor da humanidade, o mais belo de todos os amores, incendie para todo o sempre o coração frio dos reis. Se os monarcas fossem mais alguma coisa do que símbolos vivos de instituições politicas; se os seus votos pessoas e representassem de facto o voto coletivo e formidavel das nações,—a Europa, depois do banquete da «Sala Branca», podia adormecer tranquila. Ter-se-hia dissolvido no *Veuve-Clicquot* doirado de tres taças a triplice ameaça do perigo saxão, do perigo germanico e do perigo slavo. Não succede, porém, assim. O brinde dos tres soberanos foi apenas um inofensivo *toast* de familia, uma formula cordeal sem consequencias, e—infelizmente—sem o poder de derogar as leis inflexiveis que regem o destino dos povos.



deixe para todo o sempre o coração frio dos reis. Se os monarcas fossem mais alguma coisa do que símbolos vivos de instituições politicas; se os seus votos pessoas e representassem de facto o voto coletivo e formidavel das nações,—a Europa, depois do banquete da «Sala Branca», podia adormecer tranquila. Ter-se-hia dissolvido no *Veuve-Clicquot* doirado de tres taças a triplice ameaça do perigo saxão, do perigo germanico e do perigo slavo. Não succede, porém, assim. O brinde dos tres soberanos foi apenas um inofensivo *toast* de familia, uma formula cordeal sem consequencias, e—infelizmente—sem o poder de derogar as leis inflexiveis que regem o destino dos povos.



INQUILINOS CONTRA SENHORIOS.— Mantem-se a situação tensa determinada pelas exigencias crescentes dos proprietarios.

Do começo da execução da lei da contribuição predial, resultou um conflito entre proprietarios e inquilinos. Procura-se encontrar uma soluçao para esse conflito. As fórmulas propostas no ultimo comicio vão desde a evangelisação a resistencia passiva em massa, até ao recurso da resistencia ativa e revolucionaria; os mais moderados limitam-se a apelar para uma acção pronta e enérgica do governo. Mas não é facil ver como essa acção possa eficazmente exercer-se. Em principio, ambos tem razão: o inquilino e o senhorio.



Por um lado, a propriedade tem um valor,—e esse valor está sujeito á lei da oferta e da procura. Por outro lado, ao cidadão é concedido implicitamente o direito á habitação,—visto que cáe sob a sanção penal se a não tivér. O Estado empurra o senhorio; o senhorio empurra o inquilino; e o inquilino, que não tem a quem empurrar, ou paga para ter casa, ou se decide a não a ter por não poder pagá-la,—e é preso por vadio.

PROPRIEDADE LITERARIA.—Anuncia-se a rapida publicação de um decreto de protecção á literatura e á arte nacional.

A questão da propriedade literaria e artistica, lucidamente posta pelo dr. Augusto de Castro na sua conferencia do Teatro Nacional, resume-se no seguinte:—A nossa adesão, sem restricções, a todas as clausulas da convenção de Berlim, em 1911, desacompanhada como foi de uma remodelação da legislação interna sobre o assunto, protegeu os autores estrangeiros,—mas deixou sem protecção os portugueses. Quer dizer: os autores nacionaes ficaram, em Portugal, em condições de manifesta inferioridade relativamente aos autores estrangeiros. No gesto nobre, mas cego, da nossa adesão ao ato fundamental de Berne,—demos tudo, e nada recebemos em troca. Devia ter-se começado pelo principio: por fazer uma lei de propriedade literaria que definisse juridicamente os direitos dos homens de letras em Portugal, e da qual derivaria, naturalmente, o gesto internacional da adesão. Mas começou-se pelo fim: por dar, em Portugal, aos autores e artistas estrangeiros, uma protecção que ainda não tinham os nacionaes. Emfim,—podia não se ter começado por coisa nenhuma.



tugal, em condições de manifesta inferioridade relativamente aos autores estrangeiros. No gesto nobre, mas cego, da nossa adesão ao ato fundamental de Berne,—demos tudo, e nada recebemos em troca. Devia ter-se começado pelo principio: por fazer uma lei de propriedade literaria que definisse juridicamente os direitos dos homens de letras em Portugal, e da qual derivaria, naturalmente, o gesto internacional da adesão. Mas começou-se pelo fim: por dar, em Portugal, aos autores e artistas estrangeiros, uma protecção que ainda não tinham os nacionaes. Emfim,—podia não se ter começado por coisa nenhuma.



POMBAL E OS SINOS,

Vão fundir-se os sinos dos conventos de Portugal para haver bronze para a estatueta do grande marquez. Vozes cristalinas, que tilintavam em matinaças pela nevoa dos vales, que agitavam d'alegria o ar doirado das manhãs, que carrilhavam sonoramente pelas quebradas fragosas dos montes; vozes que do alto dos campanarios faziam mover longas teorias de monges; vozes de alarma na guerra, de ternura na paz; vozes de saudade e de triunfo, de alegria e dor, de vida e de morte,—os velhos sinos dos conventos, que vão desaparecer para sempre, não hão-de emudecer de todo: a sua voz ouvir-se-ha ainda, no confuso rumor da voz dos seculos, na eloquencia muda e insensivel das estatuas, proclamando o nome de um dos poucos homens que souberam ser homens em Portugal.



JULIO DANTAS.

Ilustrações de Manuel Gustavo.

MULHERES!...

—Cria isto que lhe digo! As mulheres, meu pobre inexperiente, são mais complicadas e obscuras de que o Apocalipse e sinceramente julgo que nenhum sagaz analista conseguiu perscrutar ainda, com rigor e verdade, a sua psicologia subtil e difficil. A personalidade feminina desdobra-se em multiplices personalidades que escapam á observação das intelligencias mais argutas: e eis porque me parece impossivel fixar uma luminosa e precisa imagem moral e sentimental d'esse indecifrável sêr a que a sociabilidade mundana deve a melhor parte do seu encanto e a vida consciente toda a sua graça, toda a sua beleza e toda a sua ternura. Oh! eu conheço-as!...

Fumando languidamente á sombra refrigerante e doce das arvores do parque, Alberto fazia a Manuel, na suavidade da tarde que do alto descia com a leveza de uma flor de aragem e de luz que se desfolhasse, um facil e jovial curso de amor comparado. Tinha chegado agosto com as suas rutilantes manhãs e as suas abraçadoras calmas. Na estancia termal em que am-

va-se então de movimento e alegria. Instante suave de descanso e de saudade! Entre as arvores musgosas que derramavam consolação e frescura e que os festões de rosas engrinaltavam n'uma pompa nupcial, alvejavam as ligeiras flanelas, os brancos fustões, as cassas e as sêdas que a mais branda viração fazia enrugar. Lindos e puros perfis de adolescentes, que traziam a abrir, pela primeira vez, dentro do peito o lirio misterioso do amor, recortavam-se delicadamente na vaga luminosidade das penumbras discretas: no ar imóvel e quente subia o confuso rumor dos risos e das conversas.

—Medite você no caso singular de Luiz! — exclamou Alberto, soprando á brisa uma baforada de fumo.

—Pois Luiz tem na sua vida algum caso sensacional? — interrogou Manuel surpreendido.

—Certamente!... E saiba que não é nada vulgar. Eu lh'o conto, para sua instrução e para seu deleite...



bas veraneavam o calor escaldava. Logo ao romper d'alva, o sol erguia-se por detraz das montanhas nuas de verdura, radiante e vermelho como uma fogueira, dourando as nitidas perspetivas. Um azul desmaiado e puro resplandecia sem a mais tenue mancha de nuvem que o maculasse. A crueza da claridade feria a vista.

Depois do almoço, os aqistas, de rosto afogueado, procuravam anciosamente, para o grato repouso de algumas horas, as inefaveis espessuras, a fresquidão aromática das folhagens aveludadas, onde ouvissem, como n'um sonho, as canções idílicas, a musica flutuante da agua que das fontes caia e embalava, no seu dormente murmuro, a solidão ambiente: e o quieto recanto da mata e dos jardins floridos anima-

A' volta d'elles, dir-se-ia ter-se transformado, de repente, em realidade viva um quadro galante de Watteau. A' beira do lago do jardim, como outr'ora em Versailles, embarcava-se para Cythera em barcos tolhados: mulheres de linha plastica tão bela e harmoniosa como as da Grecia antiga, mergulhavam na agua as mãos de pele fina e rosada, arripiando-se de frio e sorrindo indolentemente, n'um riso claro que lhes enchia as faces de covas. Pelos bancos de cortiça do parque, o flirt zumbindo como uma inquieta abelha d'oiro, deixava cair as rosas do madrigal nos regaços amorosos e desejados. Por alamedas e ruas areadas rangiam os setins. Errava na atmosfera limpida um cheiro sensual de fenos cortados, de relvas novas e de terra molhada.

—Bem sei! — continuou Alberto. Vae dizer-me que Luiz lhe parece um homem sem historia lirica ou dramatica e sem interesse de emoção ou de intelligencia. Note, porém, que apesar da sua jovialidade, do seu constante humorismo que o póde fazer julgar

como cinico, das suas boas côres, da rigida impecabilidade da sua elegancia, Luiz é um romantico. Ninguem o dirá, com efeito, porque nem a palidez nem uma tristeza enigmatica que tanto seduz as mulheres, lhe imprimem destaque. Mas é um romantico, digolho eu! De resto, a palidez e a melancolia nos homens fortemente apaixonados apenas se compreendem n'aquelas noites sobresaltadas e violentas em que os poetas usavam cabeleira emaranhada nas representações do *Ernani* e vestiam os celebres coletes vermelhos, que causavam febre a madame de Girardin...

Houve um momento de pausa, em que Alberto pareceu concentrar-se, para melhor recordar. Manuel forcia, com impaciencia, nas mãos nervosas, as luvas de fio de Escocia.

— Você conhece Maria Clara, não é verdade? — perguntou Alberto, reatando o dialogo interrompido. Toda a gente a conhece!... É uma rapariga de grandes olhos negros e meditativos, a quem Julião chamava ironicamente — um critico de saias, de certo pela sua impassibilidade, pela sua frieza e pela penetração da sua vivacidade intelectual. Nunca houve, na realidade, calor de comoção que lhe fundisse a sua gargalhada cida e a secura do seu sarcasmo. Pois Luiz teve por ela uma paixão profunda e absorvente, que o levou a abdicar da propria individualidade e do proprio orgulho, talvez para mais docilmente se submeter aos caprichos da sua deusa cruel e ironica. Seguiu-a para toda a parte, sem vontade, com o culto quasi religioso de quem segue os passos de uma divindade desdenhosa, devorado pelo ciúme e cada vez mais preso a uma adoração de que não podia libertar-se.

— É ela? — Ela obrigava o a humilhações odiosas, de certo para fazer sentir á côrte gentil que a acompanhava a sua indiferença por aquele ingenuo rapaz, e a sua superioridade! Este desdem sobreexcitou em Luiz um orgulho que n'ele parecia adormecido. Um dia, por dignidade e por vergonha, redimiu-se da sua escravidão. E, para que o seu acto adquirisse maior esplendor, casou-se!

— Tolle!... — Evidentemente. Se Luiz fosse um psicologo, de certo não ligaria o seu destino ao de uma mulher que não podia fazer feliz, porque a não amava. O casamento é sempre uma coisa séria; e para Luiz foi, apenas, um desforço e derivou de um amio. Mas, emfim, casou-se e succedeu o que eu pensava. A vida conjugal do meu amio foi uma tristeza constante, um inferno. Não houve n'ela nem sequer a embriaguez dos primeiros mezes de noivado. Suspeitando-

se traída na sua confiança, a esposa recriminava-o com ardor, amargurava-o. A infelicidade tornou Luiz violento e aggressivo. Repelia com brutalidade as injurias da mulher, procurava na rua a tranquillidade que a sua casa lhe não oferecia e um romantismo doentio fel-o pensar no suicidio como a suprema redenção. Ora, por uma coincidência notavel, Tereza, a mulher de Luiz, tinha frequentado o collegio com Maria Clara.

— Diabo! Começa o drama!... — interrompeu Manuel.

— Começa o drama, na verdade, mas você, meu caro, não poderá vêr com antecipaço o seu bizarro desfecho.

Tereza e Maria Clara encontraram-se em casa de uma familia das relações de ambas, depois de longos anos de separação e reviveram as horas distantes do seu afeto de outr'ora. Foi ahi que Tereza contou á amiga a historia do seu casamento — d'esse casamento que não fôra para elle o Palacio da Ventura, que tem portas de ouro.

— Pois não vives contente? — perguntou Maria Clara.

— Eu, filha? — respondeu Tereza. Vés no meu rosto sinais de contentamento? Juizo tiveste tu, que te não prendeste, que te não deixaste iludir pelos homens, que soubeste conservar a tua bela liberdade!

N'esta altura da narrativa, que tanto interessava Manuel, uma senhora nova veio procurar Alberto para jogar o *tennis*. Os jardins transbordavam de multidão elegante, sob o sol fulvo que trespassava as folhagens mosaicando a areia branca de moveidias manchas de luz esverdeada. Alberto negou-se, com uma desculpa:

— Não posso! Estou tratando, com este amio, de negocios importantes.

Ela ameaçou-o com a *raquette*, exclamando:

— Naturalmente conspiram!

— De certo, de certo. E conspiramos sabe contra quem?

— Ora! Contra os poderes publicos...

— Não, minha senhora. Conspiramos contra as mulheres! Queremos unicamente que os homens proclamem a sua maior idade. Aqui está uma pequenina revelação da campanha altruista que vamos ferir.

Ela afastou-se, rindo: e Alberto, quebrando a cinza do charuto no encosto do banco, proseguiu:

Tereza e Clara avivaram a sua esquecida simpatia e tornaram-se inseparaveis.

— Com o consentimento de Luiz?

— Não! Luiz, n'esse momento, viajava para socegar a exaltação do seu infortunio. Tereza odiava-o, e calcule o que ela diria a Maria Clara! Apresentou-se-lhe como a resignada vitima de um homem sem sensibilidade que a martirisava por prazer, exaggerou no seu odio o sofrimento que a pungia, revelou as suas discordias mais intimas, a ferocidade do carrasco que se comprazia com a sua dôr.

— E Maria Clara?

— Espere, homem! Olhe que me faz perder o fio da historia... Pouco depois de Luiz regressar da



sua viagem, Tereza adoeceu e nunca mais se levantou do leito, morrendo por um outono soluçante, ao cair das folhas. Piedosamente Luiz, minado pelo remorso, fez plantar sobre o seu tumulo uma roseira de tocar que pelas louras primaveras se cobre de rosas, como se a alma da morta renascesse! Mas Tereza, antes de morrer, escreveu uma longa carta a Maria Clara. Sabendo-se irremediavelmente perdida, aceitava a morte com jubilo. Leitora de folhetins e de romances de enredos lugubres e inverosímeis, Tereza dizia n'essa carta que só a morte era suficientemente forte para arrombar, com o seu braço descarnado, as portas do seu cativeiro e arrancal-a ao verdugo. E terminou pedindo a Maria Clara que a vingasse.

—É vingou?

—Vingou! Maria Clara, passado um ano, era a amante de Luiz! Entregou-se-lhe absolutamente pura! E quer saber? Ainda hoje se amam, com loucura, com delírio!

—Eis o absurdo!

—Sim! Mas as mulheres são absurdas. Não lh'o dizia eu ha pouco?

—Como foi, então, que a antiga indiferença de Maria Clara por Luiz se transmutou em exaltado, inconsiderado amor?

—Pois vae vêr!... Como o meu amigo, tambem eu extranei a solução d'este conflito. Se Maria Clara outr'ora, quando livremente podia amar Luiz, o submeteu a todas as abjeções, seria natural que ela, querendo vingar a amiga, redobrasse de crueldade. No entanto, recebeu-o no seu leito virginal pouco tempo depois da morte de Tereza, deu-lhe tudo o que uma mulher pôde oferecer ao homem para quem vive—o seu futuro, a sua dignidade, o seu destino, sacrificando-se por ele com uma abnegação incomparavel, saltou por cima de todos os preconceitos e de todos os convencionalismos sociais, e para que ficasse absolutamente perdida no conceito do mundo, levou o capricho a fazer publicamente gala da sua queda.

—E' pitoresco!—comentou Manuel.

—Não! E' humano!—replicou Alberto. Quiz esclarecer este caso de nebulosa psicologia e entendi-me com Luiz, ainda n'um periodo em que o seu amor por Maria Clara não tinha a intensidade actual. Porque o que caracteriza este amor é que, quanto mais ele dura, mais se exacerba. Luiz contou-me tudo, negligentemente e com uma *verve*, uma vaidade satisfeita que me impressionaram. Mezes depois da sua vuvez encontrou Maria Clara n'um baile... N'um baile?... Não estou bem certo nem o local do encontro importa. Mas encontraram-se e trocaram frios e palidos cumprimentos. Durante toda a noite, Maria Clara seguiu-o com os olhos, desvairadamente, com uma febre e uma teimosia que Luiz julgou ser a revivescencia de um rancor secreto ou da sarcástica indiferença de outras épocas. Mas, n'um dado instante, Maria Clara aproximando-se d'ele, disse-lhe em tom sacudido e nervoso que precisava falar-lhe. Afastaram-se das curiosidades que os rodeiavam,

e então Maria Clara, tirando do seio uma carta—a carta de Tereza—entregou-lh'a em silencio. Luiz abriu-a e leu-a n'uma tremura. Ao acabar a leitura, contrito, arrependido, dobrou-a e devolveu-a á sua acusadora.

—E' verdade tudo o que ahi está escrito?—perguntou ela.

—E'!—declarou Luiz com firmeza. Minha pobre mulher, na realidade, foi desgraçada. No entanto...

—No entanto quê?!...—interrogou Maria Clara.

—Eu não podia fazer a felicidade de Tereza, porque a não amava! Entre mim e ela interpunha-se continuamente uma outra imagem, que nos separava sem piedade!..

—E essa imagem?...—inquiriu Maria Clara com uma voz que não passou despercebida a Luiz.

Ele hesitou na sua confissão.

—Quem era?—pediu Clara com um brilho no olhar.

—Para que dizer-lh'o? Já fui suficientemente castigado! E' melhor que nos separemos como inimigos, afogando na alma os sonhos mortos!...

—Pois era eu?—acudiu Maria Clara n'um transporte.

E atirou-se-lhe aos braços, beijando-o furiosamente.

—Que anomalia!—bradou Manuel.

—Será! Mas é a verdade.

E deitando fóra a ponta do charuto.

—Contou-me Luiz que Maria Clara, já em plenas e perturbantes nupcias d'amor clandestino lhe fez, certa noite, esta revelação extraordinaria:—começara a amal-o, a desejal-o com loucura, com voluptuosidade, n'uma renuncia de toda a sua vontade, quando conheceu a grosseria com que ele tratava Tereza! Uma outra mulher menos singular e mais equilibrada do que Maria Clara, teria horror por esse homem, não é assim? Mas

o coração humano é um abismo cheio de sombras espessas, e é ao mesmo tempo uma miséria, meu amigo! Luiz não poude vencer pela docilidade, pela meiguice, pela pureza e pela ternura de um sentimento purificado, a resistencia de Maria Clara: venceu-a, porém, pela maldade! Eis porque o Fatal Fernão é uma esfinge de indecifrável sorriso! Aprenda!...

Levantaram-se, dirigindo-se para o córte de *lawn-tennis* onde se jogava com entusiasmo. A tarde caía docemente, tocada do perfume que se exalava das flores, como um incenso. Pelos ramos das arvores cantavam os ninhos inocentes.

—Sr. Alberto, diga!—gritou a voz de uma jogadora. A batalha contra as mulheres vae começar desde já?

—Não, minha senhora!—respondeu Alberto, rindo. Afinal, perdóamos!...

—Quanta bondade!—murmurou ironicamente a mesma voz.

E o jogo continuou, na beleza serena do dia que ia expirando n'um desmaio candido de luz.

JOÃO GRAVE.





Provocando

Provocas, inconsciente,
Olhando d'alto, escarninha,
Sorrindo ironicamente
Na mal aberta boquinha.

Envaidece-te, pequena,
Que fartos motivos tens...
Mal entras agora em cena
E gosas os maiores bens.

Na cena cruel da vida
Só tens visto risos, flores,
Vaes soberba, desprendida,
Envolta em nuvens d'amores.

A tua estrela é fecunda,
Cedo te fez heroína,
Iguinaldo-te a Joecunda
Ou á bela Fornarina.

Tens encantos, seduções,
Da fulgente Mocidade,
E sem preocupações,
Entras na imortalidade!...

Tão facilmente adquirida
Que nem quasi dás por tall...
São misterios d'esta vida,
Bem mentirosa, afinal!

Só não nos ilude a Arte,
N'um dominio fulgurante,
Que subjuga em toda a parte,
Mesmo o rude, ou ignorante.

Foste modelo sómente,
Mas d'um pintor genial,
E a Arte Omnipotente
Poude fazer te imortal.

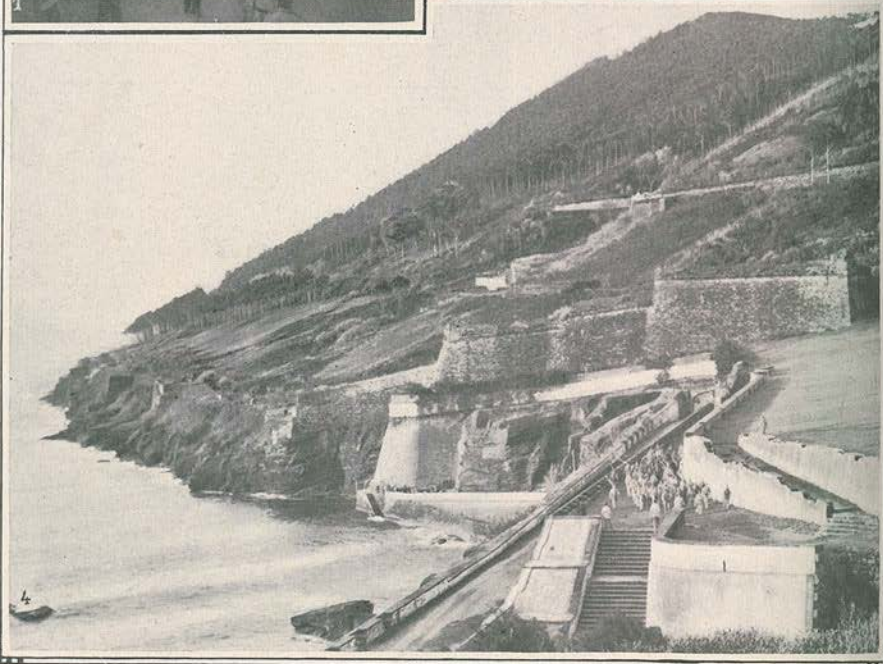
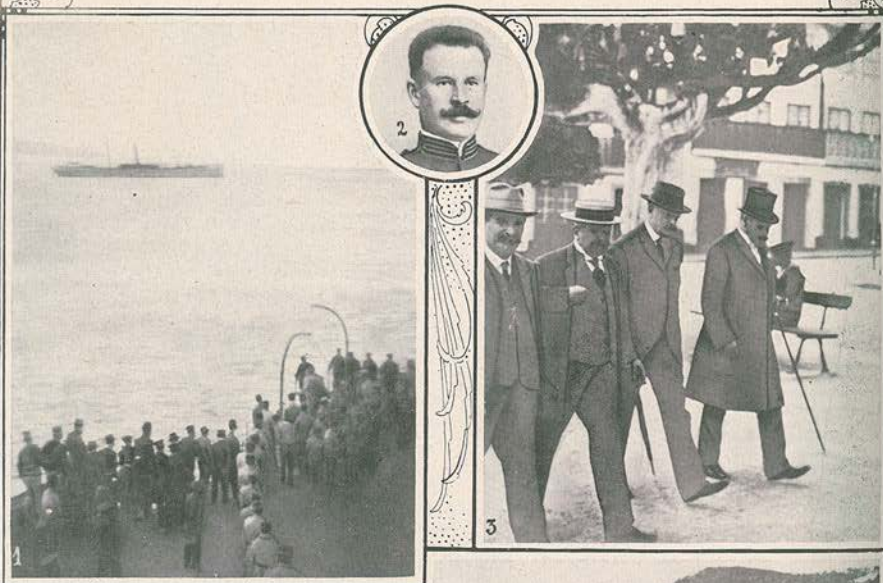
Vive pouco a mocidade,
Essa falaz profetisa,
Mas vive uma eternidade,
Se um pintor a immortalisa.

CRUZ MAGALHÃES.

Esta mimosa composição foi inspirada ao ilustre poeta, sr. Cruz Magalhães, pela obra prima de José Malhão, a «Provocante», quadro a óleo que a «Ilustração» reproduz na sua capa de hoje. Esta fotografia representa um trecho do delicioso jardimzinho de Malhão, onde tudo também é arte, vendo-se o grande mestre descer a escada, de braços abertos, ao encontro do seu dedicado amigo Magalhães.

EM ANGRA DO HEROISMO

O desembarque e instalação dos presos políticos



1. O desembarque dos presos políticos do bordo do «Cabo Verde», na madrugada de 10 de maio. No caes da Figueirinha vê-se a escolta de infantaria 25 com os primeiros detidos que desembarcaram—2. O capitão d'infantaria 25 sr. João Pereira da Silva, comandante do deposito militar dos presos políticos—3. O sr. governador civil de Angra, o ultimo á direita, com o sr. Artur José dos Reis, capitão de infantaria do «Cabo Verde», sr. Pinto Basto, inspetor da Empresa Nacional e sr. Melo Guerreiro, capitão do porto, atravessando a praça da Restauração depois do desembarque dos presos—4. A escolta d'infantaria 25 levando os presos políticos, cabos e soldados, do caes da Figueirinha para o castelo de S. João Batista.

O desembarque dos presos políticos fez-se de madrugada, tendo sido os officiaes con-

duzidos em automoveis para a antiga casa dos tenentes governadores arvorada em pri-

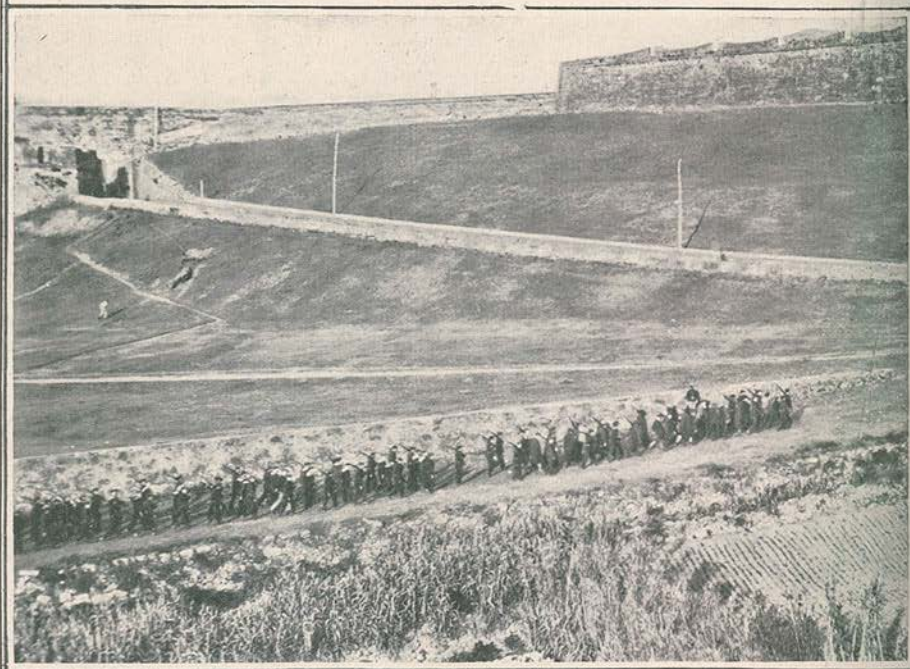


O Castelo de S. João Batista em Angra do Heroísmo: Na fotografia vão indicados com o n.º 1 a prisão do sr. dr. Lemelino de Freitas, 2 o carcere dos marinheiros, onde esteve o Gungunhana; 3 a prisão dos civis; 4 a dos sargentos, cabos e soldados, ocupando os sargentos a parte do edificio de que se vêem as janelas; 5 a dos officiaes.



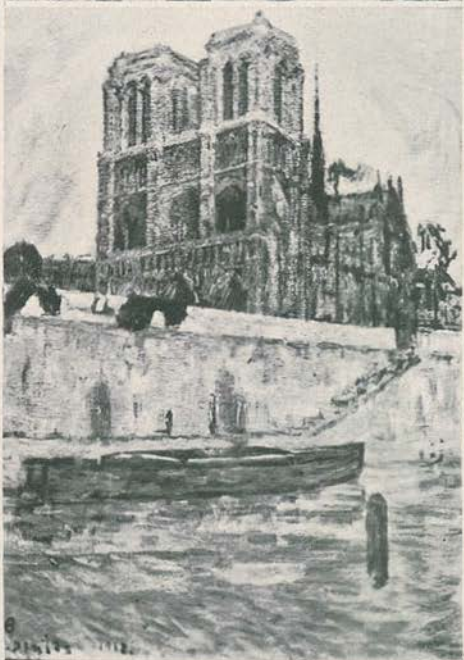
são e os sargentos, cabos, soldados, marinheiros e civis, levados por escoltas do 25.º d'infantaria até á fortaleza de S. João Batista. Foi nomeado um d. retor para o forte, que ficou sob o regimen das casas de reclusão, sendo só permitidas as visitas aos domingos e não podendo os presos rece-

ber a correspondencia fechada. O tribunal funcionará na fortaleza, devendo começar os julgamentos logo que esteja concluida em Lisboa a investigação a todos os factos que se relacionem com o abortado movimento de 27 de abril ultimo.



1. Palacio dos antigos tenentes governadores de Angra, em cujo ultimo andar estão os quatro officiaes implicados no «complot» de 27 de abril. As janelas n.ºs 1 e 2 são as do quarto onde está o capitão Lima Dias; a n.º 3 a da casa de jantar comum; a n.º 4, a do quarto do capitão de mar e guerra André; a n.º 5, a do quarto do tenente Pimentel. O quarto do general Guedes fica por detraz do aposento occupado pelo sr. Soares André. A casa contigua ao palacio, de que se vêem duas janelas, é a que serviu de prisão a Afonso VI—2. A escolta conduzindo os presos civis e os marinheiros para o castelo de S. João Batista. (Clichés do distinto amador fotografico sr. Antonio José Leite, que gentilmente os enviou ao «Seculo» e á «Illustração Portuguesa», por intermedio do nosso dedicado correspondente, sr. Alfredo de Mendonça.

Mais trabalhos expostos na Sociedade de Belas Artes



1. «Estudo», quadro a óleo de Adriano Costa. — 2. «Amitié», quadro a óleo de Faria e Maia. — 3. «Frutas», quadro a óleo de José Reis. — 4. «Eviatu, lago de Genebra», quadro a óleo de D. Fanny Murró. — 5. «Aboboras», quadro a óleo de Abel Manta, discípulo de Carlos Reis. — 6. «Notre Dame de Paris», quadro a óleo de Manuel Bentes. — 7. «Alpes», quadro a óleo de José Luiz Porto. (Clichés de Benoliel)

EM ESPINHO



Uma parte do orfeon do Club Alegre Mocidade.

Apesar dos assaltos furiosos do mar a praia de Espinho tem atrativos poderosos. Aquela população laboriosa engana dia a dia a sua terra, no bom desejo de ali chamar uma concorrência que se delicia, dada a beleza natural do sitio e os seus puros ares.

A par de belos estabelecimentos e de esplendidos «chalets», as diversões aumentam, havendo mesmo um grande

entusiasmo em as fazer progredir. Ultimamente fundou-se ali um orfeon que conta grande numero de socios e que tem já dado provas de quanto se pôde com boa vontade e com vocação.

O grupo intitula-se Mocidade Alegre e é composto pelas meninas e rapazes das familias mais distintas da vila, que se proporcionam assim um passatempo agradável e instrutivo.



Um trecho da feira quinzenal

As corridas de Cavalos em Roma



agazalhos e agulmas, mais medrosas do enfadonho temporal, até os seus impermeáveis! No entanto, apareceram admiráveis «tailleurs», que as frequentadoras «dei Parioli» intrepidamente expunham á chuva impertinente que de quando em quando, visitava o hipodromo, desesperando o publico e, especialmente, as «sportmen», pois o terreno alagadiço contrariava os seus calculos e compromettia as mais fundadas esperanças de vitoria.

Em conclusão — e este é o acon-

Uma elegante «pousando» deante d'uma maquina fotografica no campo das corridas.

Terminaram por este ano as corridas de cavalos em Roma. A chuva impertinente que alagou o hipodromo «dei Parioli», onde se disputava o «Omni um», o maior dos premios, fez com que a Moda não tivesse um «grande dia».

A chuva evitou que a sensacional corrida não lançasse, como nos anos anteriores, a «moda de verão». As elegantissimas damas que compareceram no hipodromo, em vez de mostrarem as suas lindas e preciosas «toilettes» da estação, acabadas de receber de Paris, Londres e Berlim, vestiam os seus



Aspétos do hipodromo em dia de corridas.



Uma illustre dama em «toilette»-o hipo-

tecimento mundano que convem registrar—nem o «Omnium» conseguiu lançar a moda feminina própria d'esta deliciosa estação... tão mal iniciada.

A questão é grave, porque em Roma poucos espéculos se avizinham capazes de substituir o «Omnium», sob tal assunto de exceção-

elegantíssima dirigindo-se para o circo.

nal importancia, para a aristocratica sociedade romana, a qual prima em evidenciar, a tempo, a sua requintada distincção e elegancia.

O «Omnium» foi ganho pelo «Sigma», esplendido «pur-sangue» de sir Rholand.

O publico retirou-se aborrecido, porque a chuva o não deixou go-



Varios «sportmen» depois das corridas preparando-se para regressar á cidade.

sar o magnifico espetáculo sportivo... e mundano.

Se o tempo amainar e a chuva se despedir... até outubro, a «moda de verão» surgirá, triunfante e resplande-

uma grande desforra do pessimo dia do «Omnium».

As nossas fotografias reproduzem aspectos das ultimas corridas de cavalos em Roma, assunto a que a «Ilustração



1. Um grupo de «elegantes» retirando do hipodromo.

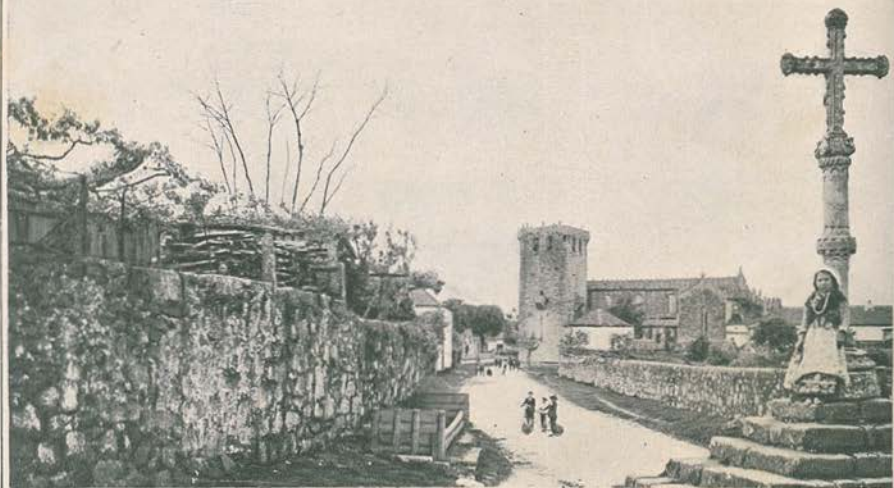
2. Dirigindo-se para a «Pesage»

(Clichés Ditta Pietro Sbisà)

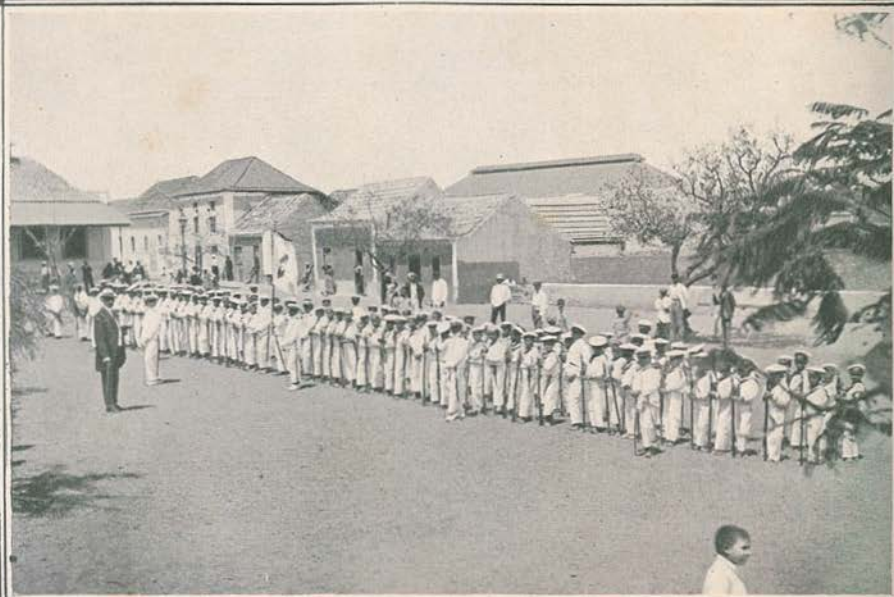
cente, no proximo «concurso hipico». As formosissimas damas patricias já se prepararam para tirar n'essa epoca

Portuguesa» já se referiu especialmente n'um dos seus numeros de março ultimo.

Figuras e Factos



Um canto pitoresco de Portugal: Cruzeiro e mosteiro de Leça do Bailio.
(Cliché do distinto fotógrafo amador do Porto, sr. Oscar Monteiro.)



A formação geral do batalhão da Assistência Escolar no dia em que assistiu ao juramento de bandeira na cidade da Praia (Cabo Verde).



1. Sr. Rodrigo da Costa Alvares, farmacêutico falecido em 20 de maio, em Azoia de Baixo.



2. Sr.ª viscondessa de Sistelo, autora do belo quadro «Sous les pomiers» exposto no «Salon da Société Nationale des Beaux Arts de 1911».



3. General sr. Mateus Tomaz de Lacueva, comandante da 3.ª divisão militar, falecido no Porto em 21 de maio.



4. Um aspeto da festa do trabalho em Santa Comba-Dão. (Cliché do distinto amador fotográfico sr. José de Lemos).
5. A comissão de empregados telegrafo postaes encarregada de tratar dos interesses da classe.



As festas do trabalho em Santa Comba-Dão, tiveram o esplendor nascido da boa vontade de todos os membros das varias associações operarias da localidade, que assim mostraram a disciplina das suas organizações e o espirito das reivindicações dos trabalhadores dentro da ordem.



A numerosa classe dos encarregados de estações telegrapho postaes delegou representantes seus ao parlamento, a fim de solicitar a introdução de uma lei de 27 de maio de 1911 que permita o pagamento dos dias de doença áqueles funcionarios, como succede com os do quadro.

Últimas Rosas de Maio

Portugal tem o culto das flores. E' vê-las debruçadas dos vasinhos nas mais humildes trapeiras, á luz do sol, tratadas por mãos delicadas de mulher. São os cravos rubros como bocas de sevilhanas, as rosas de todos os tons,

mes pareciam viver d'elas, que lhes davam, n'um empréstimo fugaz, um pouco da sua beleza; nos parques, enlevo das creancinhas que por lá correm nas fresquidões das tardes, elas tinham o ar encantador e um nadinha grave que só se perturbava com o fremito da aragem.

des de o rubro ao palido, evocando alegrias e melancolicos pensamentos. Tanto se ama já a flôr entrenós, que Lisboa viu, nos últimos dias de maio, as montanhas dos seus estabelecimentos os heias de rosas; nas arteiras dos empregados e comeriaes as rosas também apareceram, esbatendo a aridez das cifras. O Credit Lyonnais teve seu concurso de rosas; d'aia pouco o Banco de Portugal imitou-o e, durante essa se-

mana, a cidade tinha o aspéto encantado d'um jardim, onde cada habitante caprichasse em apresentar a melhor flôr.

Dentro dos automoveis, elas, as rosas de todos os tons, balanceavam-se nas «flútes» suspensas, passavam na galgada como a acenarem-nos adeus; nas vitrines entre as sedas, as joias, os perfu-

to da aragem.

Por toda a parte floresceram e perfumaram, foram o encanto da vista de delicia doolfato, deram á nossa capital como uma moldura que se acha cheia de candidez e de beleza.

Um povo que ama assim as rosas é um bem definido paiz de sentimentos ligados ás doçuras contemplativas da côr, ao enternecimento que se desprende de todas as flôres e de todas as creanças.



(Cliché do sr. Aurelio da Paz dos Reis)

Mas onde elas tiveram mais graça e mais realce foi nos seios das lindas mulheres que as arvoravam com amor e nos jardins engalanados, nos quaes as mãos dôces e femininas as iam colher na aza d'um capricho e n'uma ternura por cada uma d'elas.

ARTISTAS PORTUGUEZES

O escultor Diogo de Macedo, cujos trabalhos tem merecido da critica as mais justas palavras, é um dos novos que ha de progredir porque se revelou um verdadeiro temperamento artistico desde os seus primeiros trabalhos.

Dispondo d'uma larga observação, tendo muito educado o sentimento, sa-



creança», que é um mimo, e aquella expressiva «Cabeça de estudo», que é uma definição feita no barro.

A «Fonte da Saudade», a que deu todos os seus cuidados, é outro trabalho digno de nota, que tem alguma coisa de original e é de uma execução perfeitissima.



2. «Busto de creança».

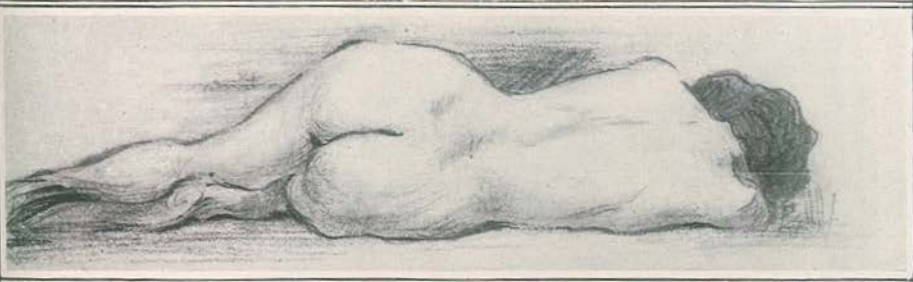


4. «Cabeça de estudo».

bendo vêr e escolhendo com amorsos assuntos, executa os seus trabalhos como poucos da sua escola e isso tem-no feito destacar no meio artistico.

Das suas obras, já numerosas, marcam-se, entre outras, o «Busto de

O seu processo e a maneira como o cultiva, o intenso carinho com que move os assuntos, tornaram-no uma esperança muito brilhante no mundo da arte em que tão arrojadamente entrou e se distinguuiu.



1. O escultor portunere sr. Diogo de Macedo—3. A «Fonte da Saudade»—5. «Croquis», trabalho do escultor sr. Diogo de Macedo.

EXCURSÃO ACADEMICA AO ALGARVE

A Associação Escolar Liceu Pedro Nunes realizou uma excursão ao Algarve na qual tomaram parte as turmas da setima classe de letras e ciencias.



Percorreram os estudantes as seguintes localidades: Portimão, Praia da Rocha, Alvôr, Caldas de Monchique, Monchique, Faro, Oûtão, Vila Real de Santo Antonio e Aiamonte, no paiz visinho.

Foram recebidos splendidamente em toda a parte tendo sido acompanhados pelo ilustre professor d'aquela liceu sr. Eduardo Andréa.



1. Alguns excursionistas em Alvôr no meio da população de pescadores.—(Cliches do sr. Cotrim da Cruz distinto amator fotografico).—2. Uma paragem na estrada de Monchique quando iam a caminho de Portimão.—3. O almoço em Aiamonte.

VIDA COLONIAL

OPERAÇÕES MILITARES EM ANGOLA



O governador da Lunda sr. Utra Machado em Catala, com o tenente Pires quando ia a caminho de Cassange para vingar a morte do alferes José Joaquim dos Santos e dos soldados indígenas vítimas d'uma rebelião do gentio. (Cliché do distinto fotografo amador sr. Luiz Continho)

A 18.^a companhia indigena aquartelada em Loanda, recebeu instrução rapida-

mente e poz-se em marcha para o Congo, a fim de se incorporar na coluna de ope-



O governador geral (1) e o governador do Congo (2) com o chefe do estado-maior (3) passando revista á 18.^a companhia indigena aquartelada em Loanda e que depois de receber instrução seguiu para o distrito do Congo a encontrar-se com a coluna de occupação.—(Cliché do distinto fotografo amador sr. F. Gregorio)



A 18.ª companhia
fogo em

rações que
vae, com
uma secção
d'artilharia,
do comando
do tenente
coronel sr.
Manuel José
Ferreira dos
Santos, ving-
ar a morte
do alferes
José Joa-
quim dos
Santos e de
treze solda-
dos indige-
nas massa-
crados em
Camalanga,



indígena fazendo
massa.

na Lunda.
Fazem par-
te d'esta co-
luna o tenen-
te sr. Nico-
lau Lopes
Perdigão e
alferes sr.
Pena, que
foramos ins-
tutores,
d'essa com-
panhia de
indigenas, a
qual está es-
plendidamente
adestrada. No
Ambrizete encon-
trar-



2. Grupo de sargentos da 18.ª companhia de infantaria indígena, aquartejada em Loanda. Sentados: 1.º sargento Douzel, 2.º sargentos Magro e Pereira. Em pé: 2.º sargentos Fernandes e Gregorio—3. A companhia fazendo fogo em quadrado.



se-ha com outras forças que já estão a caminho, a fim de se iniciarem as

operações que, certamente, darão um novo brilho às armas portuguesas.



1. Coluna de ocupação do Congo: As tropas em descanso.

2. A coluna d'ocupação no distrito do Congo.

(Clichés do distinto fotógrafo amador F. Gregorio)

CONCURSO HIPICO



Um dos grandes atrativos do Concurso Hípico foi a prova das amazonas.

Encheram-se as galerias; as mais belas mulheres foram vêr esse exercicio todo de arrojo e elegancia em que outras senhoras tomaram parte.

Discipulas dos primeiros professores d'equitação, que entre nós tem feito notaveis progressos,



se inscreveram para essa prova que resultou magnifica e sem incidentes.

Fizeram-se excelentes percursos que entusiasmaram o publico pois é um dos mais belos espectaculos vêr sobre um formoso animal na carreira uma gentil e destemida mulher anciosa de ganhar uma vitoria.

Os resultados officiaes d'esse exercicio tão disputado foram os seguintes:

Mademoiselle Godinho ganhou o primeiro pre-

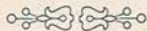


2.

3.

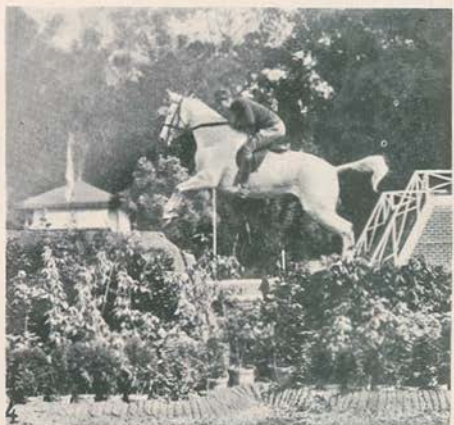
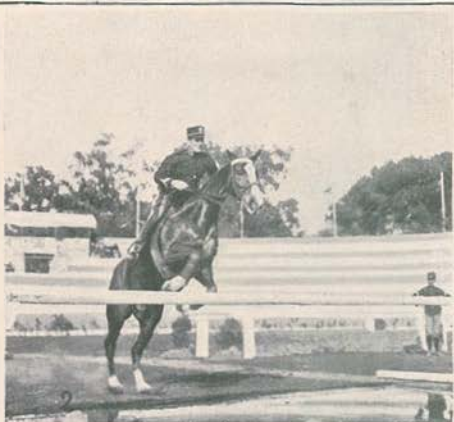
mio montando o seu bello cavallo «Vulcano»; o segundo pertenceu á sr.^a D. Maria do Carmo Reis na egua «Flarette» o terceiro ainda á sr.^a D. Maria Godinho, no cavallo «Dartmoor» e o quarto á sr.^a D. Maria Manuela da Cunha Menezes montada no seu cavallo «Carnario».

Foi esta uma das mais belas tardes do concurso no esplendido hipodromo de Palhavã.

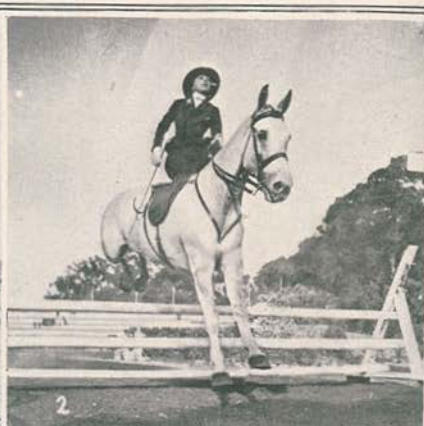


1. A caminho das tribunas.—2. O tenente francez Jaime du Costa na apresentação do seu cavallo.—3. O capitão sr. Martins de Lima na apresentação do seu cavallo «Bejaset».—4. Diante das tribunas.

(Clichés de Benoliel)



1. Um salto, pelo cavalo «Elmont», do tenente sr. Jara de Carvalho.—2. Um salto, pelo cavalo «Ganthois» do tenente sr. Casal Ribeiro.
3. Um salto, pelo cavalo «Gaiato» montado pelo alferes sr. Luiz Faro.—4. Um salto, pelo cavalo do tenente sr. Higino Barrata.
5. O cavalo «Ariosa», do tenente sr. Julio d'Oliveira, n'um salto.—6. Um salto, pela «Florette», do capitão sr. André Reis.



1. Sr.^o D. Maria Godinho no seu cavallo «Vulcano», que obteve o 1.^o premio.
 2. Sr.^o D. Maria do Carmo Reis na «Florette»—3. Sr.^o D. Maria Godinho no «Dartmoor».
 4. Sr.^o D. Maria Manuela da Cunha Menezes no «Pol Lad».
 5. As amazonas concorrentes no hipodromo antes da prova do concurso.—(Clichés de Benoliel)



O chefe do Estado assistiu a algumas das mais notáveis provas do concurso hipico, felicitando alguns dos cavaleiros que se distinguiram n'esses exercicios notavelmente executados.

De ano para ano tem-se ido desenvolvendo o gosto pela equitação e isso claramente ficou comprovado com



O capitão sr. Francisco Lusignan d'Azevedo saltando, no seu cavallo «Alvear», no dia do Grande Premio de Lisboa, que disputou.



O chefe do Estado, com o ministro da guerra, na sua tribuna do hipodromo.

(Clichés Benoliel)

as apresentações de cavaleiros e amazonas em numero superior ao dos passados concursos.

O sr. Sebastião da Cunha saltando no cavallo «Farinelo», pertencente ao sr. Jaime Alto Mearim, na prova do grande premio de Lisboa.



Um escolho: A «Banqueta de Lisboa». Este salto foi causa de discussão sobre os cavaleiros srs. Lusignan e Sebastião da Cunha que tinham disputado o Grande Premio de Lisboa e que o juri declarou pertencer ao ultimo, provando-se que o seu cavallo não metera os pés n'agua quando do salto, o que seria motivo para a sua derrota.

UM CRIME SENSACIONAL EM MADRID



Maria Luiza Sanchez, filha do capitão Sanchez Lopez.



A vítima, sr. Garcia Jalon.



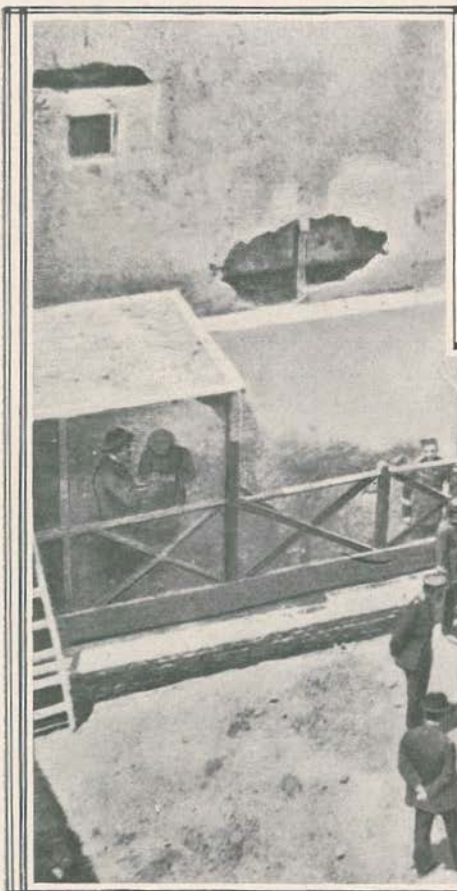
Capitão de infantaria Manuel Sanchez Lopez, o assassino do sr. Garcia Jalon.

O capitão Sanchez, servindo-se das seduções de sua filha e amante, atraiu a sua casa e assassinou, com o auxilio de tres homens mascarados, o sr. Garcia Jalon, a fim de o roubar. Não conseguindo o seu intento, pois a vítima deixára a carteira no club, pretendeu fazer desaparecer o cadaver, esquarterando-o e ocultando-o no forro do sótão on-



Os restos de Garcia Jalon, descobertos no picadeiro da Escola Superior de Guerra, onde os ocultára o capitão Sanchez Lopez.

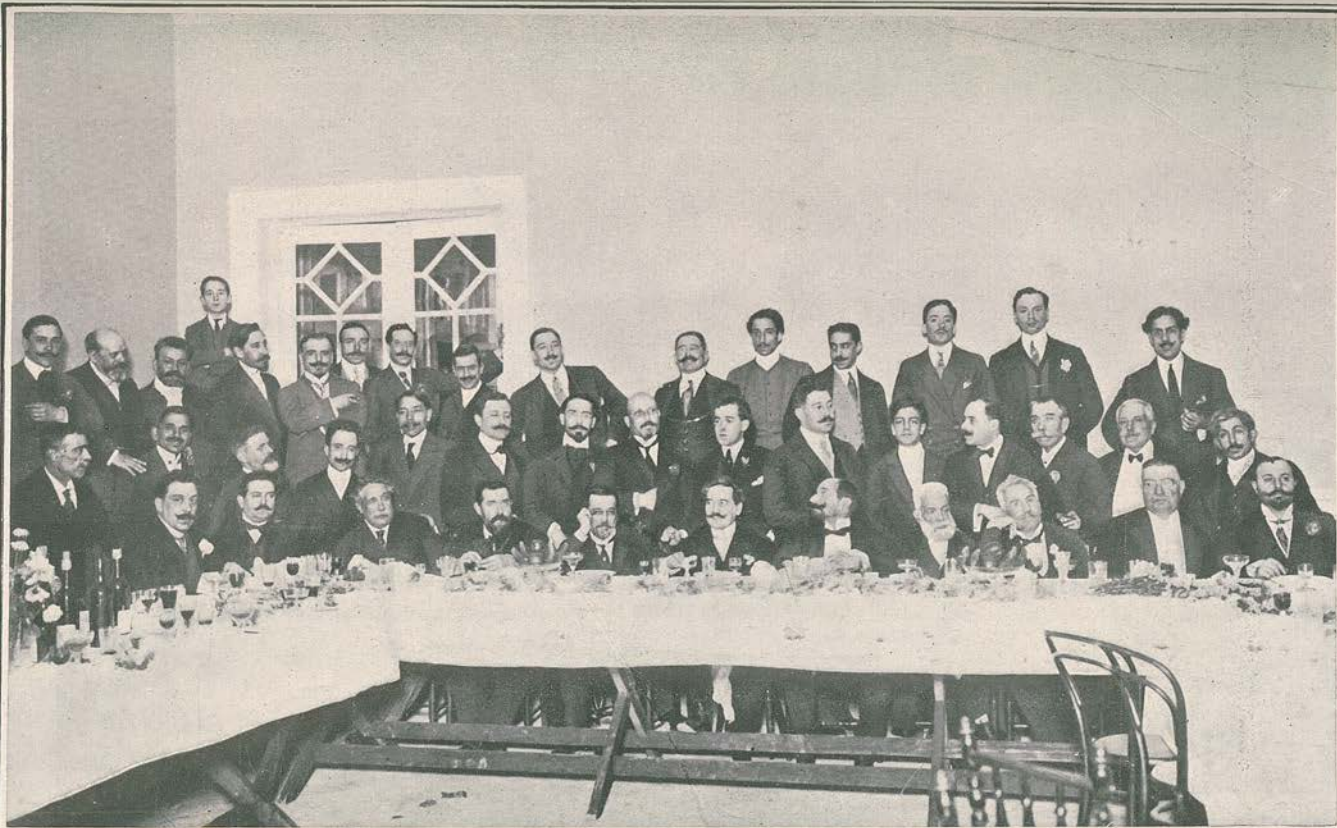
de foram descobertas postas de carne e ossos descarnados.



O picadeiro da Escola Superior de Guerra. O lugar onde se ocultaram os restos do sr. Garcia Jalon: 1, lugar onde se encontraram as roupas; 2, o sitio onde estavam escondidos os ossos; 3, a caixa contendo os restos do assassinado.



Um aspéto do comício contra o aumento das rendas de casa promovido pelas comissões municipais e paroquias do partido republicano portuguez e, calisado, com a assisténcia de muitos milhares de pessoas, no sítio da Rotunda da Avenida da Liberdade.—(Cliché de Benolsel)



7 No jantar dos artistas na Sociedade Nacional de Belas Artes depois da inauguração da exposição. Pintores, escultores, caricaturistas, arquitetos, confraternizando:
1.º plano, sentados, da direita para a esquerda: David Melo, Frederico Ribeiro, J. Cristiano da Silva, J. Moura Girão, J. Veloso Salgado Adães Bermudes, Columbano B. Pinheiro, Roque Gameiro, João Vaz, J. Alexandre Soares, Francisco C. Parente. No 2.º plano, da esquerda para a direita: Francisco dos Santos, J. Bonifácio Lopes, M. João da Costa, A. Alves Cardoso, João Reis, Constantino Fernandes, Martins Pereira, Augusto Barreiros, João da Silva, Bemvindo Ceia, Pedro Guedes, Julio Vaz, M. Espírito Santo, António do Couto, J. Lino de Carvalho. No 3.º plano, da direita para a esquerda: Eduardo Afonso Viana, João Caluçon, Martinho G. da Fonseca, J. Simões d'Almeida, sobrinho, Tertuliano de L. Marques, José Neto, Maximiano Alves, Xavier da Silva, Alberto de Sousa, José Coelho, A. Marques da Silva, Artur M. Rato, Alfredo Guedes, Joaquim A. Vieira, e J. Emídio Maia.

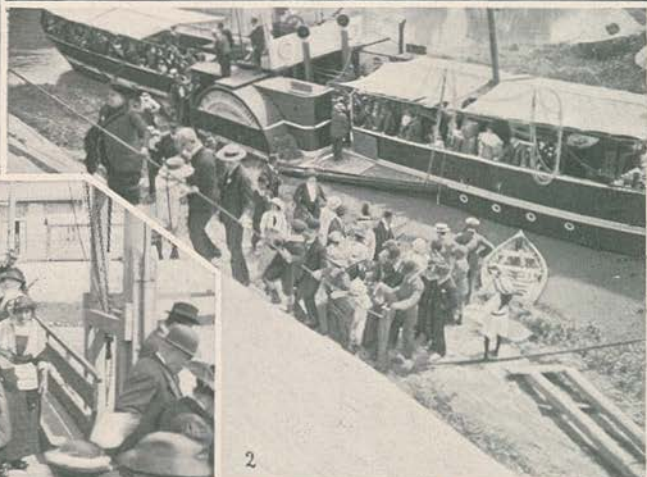
NO TEJO - Excursão elegante



1

Devido á bela iniciativa do sr. Rudolph Leipold, diretor da Parceria dos Vapores Lisbonenses, realisou-se no domingo, 18 de maio, um passeio elegante, no vapor «Luzitano», pelo rio acima, por Alhandra, Vila Franca, Castanheira, Carregado, Portas da Rainha até á Azambuja onde chegou ás 13 horas e 20 minutos. A viagem decorreu esplendidamente, reinando sempre grande animação entre os passageiros, que organisaram um baile a bordo.

Ao distinto fotografo amator, sr. F. G. Walter Ley deve a «Ilustração Portuguesa» o cativante oferecimento dos belos «clichés» d'esse passeio, que foi realmente um dos mais



2



3



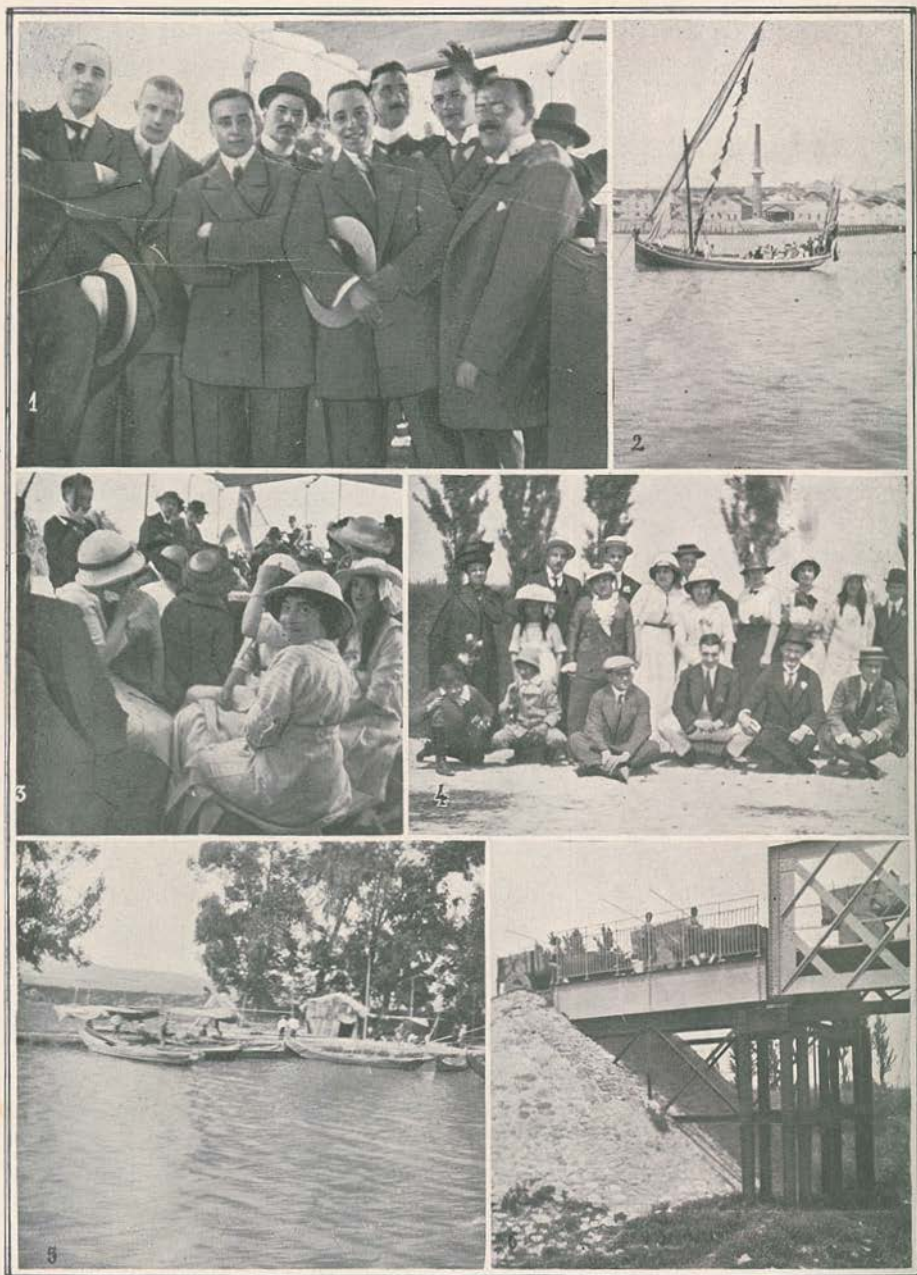
6



5

1. O mestre do vapor «Luzitano» sr. «Dionisio d'Almeida».—2. O embarque na ponte no canal da Azambuja.—3. O embarque na ponte da Parceria dos vapores.—4. Um grupo interessante.—5. As sr.^{as} D. Emy Bastos, Alda Santos, Laura Lacerda, a bordo.

agradaveis que se podem dar no nosso formosissimo Tejo.



1. Sr.^a Kingler, Prehn, Leal, Hahn, Bastos Schrupp, Nagorsen, Kindeler e outros a bordo.
 2. Uma caldeirada no rio.—3. Dois ranchos alegres a bordo.—3. Um grupo que cantou lindas canções alemãs e portuguesas.—5. Vista da margem na entrada do canal da Azambuja.
 6. Um trecho da ponte sobre o canal da Azambuja.

Figuras Factas



Afonso Gaio, autor do «Il Pardones» (O Peidão), peça extraída do livro de contos «Malavindos».

A ilustre atriz Itália Vitaliani, desejando corresponder á gentileza com que um grupo de artistas e escritores a recebeu ha nove annos quando veio pela primeira vez a Portugal, e entre os quaes se destacav: Afonso Gaio, pediu a este dramaturgo uma peça n'um ato que, sob o titulo *Il pardone*, se representou no Republica.



Uma cena da peça «Il Pardones», de Afonso Gaio, representada no Republica por Itália Vitaliani, a grande atriz italiana, e por seu marido o ator Carlos Duso.

O concerto no Salão da «Ilustração Por'ugueza»



No Salão da «Ilustração Portuguesa»: A distinta pianista e professora do Conservatorio sr.^a D. Adelia Heinz, com as suas discipulas que tomaram parte na festa. No 1.^o plano, da esquerda para a direita: Mademoiselle Livia Ramos, mademoiselle Marieta Quadros de Carvalho, sr.^a D. Adelia Heinz, mademoiselle Maria Nazaré Ramos, mademoiselle Maria Luiza Trindade, mademoiselle Magda de S. Mamede Teixeira. No 2.^o plano: Mademoiselles Celeste Alves Valadares, Maria Pereira Simão, Emilia Alves Valadares, Judit Sousa Melo, Judit Soares Sanches, Julia Lino Mora, e Irene Pinho. No 3.^o plano: Mesdemoiselles Marieta David, Luiza Carvalho, Maria Andrade, Charriso Alves Valadares, Claudina Tavares d'Almeida, Georgeana Soares, Estela Martins Soares e o menino João de Deus Ramos.



1. O menino Manuel Galvão, de 12 anos, da Escola de Educação Física, saltando o «sueco» no seu cavalo «Colibri». Foi o vencedor do 2.º premio de discípulos e desejava tomar parte nos outros percursos do concurso hipico, o que não se lhe permitiu em virtude da sua pouca idade.



2. O sr. dr. dr. Mateus Teixeira d'Azevedo, novo presidente do Tribunal da Relação de Lisboa e um dos nossos magistrados mais respeitáveis, tomou posse do seu cargo no dia 25 de maio sendo muito felicitado por todos os funcionarios do mesmo tribunal e por muitas pessoas que assistiram ao ato.

Uma grande parreira

Sem ter a corpulencia da sua irmã mais velha do convento de Almoester (*Ilustração Portuguesa* n.º 378) e sem ter, como ella tem, uma historia pela qual perpassam atravez de seculos os nomes de abalassas fidalgas e fontes monumentaes de mosteiros a refresca-lhe o sangue de uma seiva de pujante vitalidade. é tambem de muito apreço e de respeito pelas suas n.aveis proporções, a grande parreira da vila de Manteigas.

Vimol-a em aoril, quando ali passámos em visita á serra da Estrela, do Pomar das Obras, propriedade da sr.ª D. Maria Guilhermina Ribeiro Portugal da Silveira, e logo pedimos ao nosso amigo, sr. Heitor Barbas de Matos, para nos obter d'ella uma fo-



logata, que e a que acompanha esta noticia.

Esta parreira, medida 20 centimetros acima do solo, tem 1,80 de circunferencia; suodivide-se em sete grandes braços, dois dos quaes estão ja secos, tendo os cinco vivos de circunferencia, medida 20 centimetros acima dos pontos de inserção dos ramos, respectivamente, 70, 55, 53, 50 e 45 centimetros. Os dois ramos secos, um dos quaes foi cortado a 30 centimetros e o outro a 2 metros do solo, medem 45 e 34 centimetros de circunferencia.

Esta videira tem cerca de 60 anos; na sua maior forcobria uma superficie de 450 metros quadrados, mas actualmente não cobre mais de 150.

TUDE M. DE SOUSA.



3. A grande parreira existente no Pomar das Obras, em Manteigas, pertencente á sr.ª D. Maria Guilhermina Ribeiro Portugal da Silveira, cuja ramaria ainda hoje cobre uma superficie de 150 metros quadrados—4. Os «boy-scouts» ingleses d' Hastings que visitaram Lisboa, tendo chegado a bordo do «Araguaya» e acampado na quinta do sr. Giles, na rua d'Artilharia 1—



5. A atriz Etlvina Serra, que reapareceu com exito no Avenida, na peça «A generala».